

## MURILO MELLO FILHO

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da Entrevista:** 30/07/2008

### **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Sou Murilo Mello Filho, nasci em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 13 de outubro de 1928.

### **Quais eram os nomes e as atividades de seus pais?**

Meu pai era radiotelegrafista. Ao mesmo tempo, trabalhava como telegrafista no Telégrafo Nacional. Minha mãe se chamava Ermínia de Freitas Mello. Sou o filho mais velho duma irmandade de sete. Abaixo de mim tem seis: Erilo, Ênio, Elma, Ilma, Ana Emília e Eduardo.

### **Que lembrança você tem de Natal, da sua infância e juventude?**

Eu tenho muita saudade de Natal porque ali transcorreu toda a minha infância. Nasci na Avenida Tavares de Bira, casa que hoje serve como depósito de papel do jornal *Tribuna do Norte*. A primeira visão que eu tenho da vida é a de um macaquinho. Uns tios meus moravam em Fortaleza e vinham para o Rio e me deixaram esse sagüi de presente. Ele tava pulando na janela, eu passei por ele, fiz um agradinho e ele me deu uma mordida no dedo. No dia seguinte, eu amanheci com roxos no corpo todo. Meu pai me levou no primeiro médico que encontrou que me examinou e disse: "Seu filho está totalmente envenenado". Fiquei vinte dias e vinte noites botando sangue numa hemorragia pela boca que não parava nunca. Até que um dia apareceu um médico chamado Dr. Farkatt, era um médico considerado meio charlatão em Natal, que me examinou e disse: "O caso do menino é muito grave. Vou aplicar nele uma vacina de minha fabricação, se não der jeito, vocês podem lavar as mãos e entregar para Deus". Uma semana depois, esse homem apareceu e me aplicou essa vacina. Ela estagnou a hemorragia e eu me recuperei. Muitos anos depois, fui a Natal participar de um jantar e na minha frente

sentou um rapaz chamado Farkatt e eu perguntei para ele: "Como é que se escreve o seu nome?" E ele disse: "F-A-R-K-A-T-T". E eu: "E o que é que você é de um doutor Farkatt, um médico que esteve aqui em Natal?". E ele: "Olhe, é meu tio, eu sou sobrinho avô [sic] dele. Meu tio mora em Santa Teresa, no Rio de Janeiro". Eu disse: "esse homem me salvou a vida e eu tenho muita gratidão a ele. Gostaria muito de reencontrá-lo". Ele me deu o endereço e, assim que cheguei no Rio, telefonei para lá e atendeu uma voz falando meio truncadamente: "É meu pai. Está aqui, não está passando bem, mas ele lhe vê muito na televisão e diz sempre assim: 'Eu que salvei a vida deste menino'. Se o senhor puder vir pra cá venha o mais depressa possível". Eu peguei um carro da Manchete, rumei para Santa Teresa e encontrei aquele velhinho de barba branca, babando. Ele me deu aquele abraço muito carinhoso e, então, contou a história dele: tinha tirado o meu sangue e mandado para a Bahia no Ita que foi de Natal a Salvador pelo mar. Foi analisado num laboratório na Bahia e eles mandaram o resultado do exame para Natal. Com base nesse sangue, ele produziu aquela vacina que me salvou. Três dias depois desse encontro, ele morreu. Morava aqui na Rua Riachuelo e parece até que estava só esperando me ver para morrer.

A minha infância em Natal começou com a revolução comunista [Intentona Comunista], em novembro de 1935. Natal foi a única cidade em toda América do Sul onde o partido comunista realmente dominou a cidade. Havia uma solenidade no Teatro Carlos Gomes, onde o interventor de Natal, que se chamava Rafael Fernandes, presidia a solenidade da diplomação de uma turma, quando começaram a pipocar os tiros. Para encurtar a história: o quartel-general do exército de Natal estava todo tomado pelo partido comunista. Eles escolheram um sapateiro para presidente da Junta Governativa, outro pintor para ser o tesoureiro e um operário para ser o secretário.

Tempos depois, quando eu encontrei num navio um líder comunista ele disse: "Murilo, aquela revolução em Natal não passou de uma doidice". Eles não estavam preparados para administrar uma cidade. Quatro dias depois, havia as tropas do exército do Ceará, de Pernambuco e da Paraíba e eles foram asfixiados e largaram o poder. Meu pai tinha um Ford Bigode, 1928, que foi tomado pelos comunistas. E depois abandonado no interior do estado todo depenado.

Começou a segunda grande guerra mundial em 1939, e eu comecei a trabalhar num jornal com 12 anos de idade, de calças curtas ainda. Era um jornal chamado *O Diário*, dirigido por Djalma Maranhão. Ele se elegeu prefeito de Natal e a revolução de março de 1964 o exilou para o Uruguai. Ele morreu em Montevideu de saudade de Natal. Se pode acreditar que a pessoa morre de saudade? Pois o Djalma morreu de saudade. Ele era irmão de um homem chamado Luís Maranhão Filho, que depois

foi torturado e morto também pela Revolução. Em Montevidéu, a última carta que ele escreveu pro irmão foi dizendo: "estou morrendo de saudades de Natal, não agüento mais, eu vou morrer de saudades de Natal". Esse foi o homem que foi diretor do jornal *O Diário* no qual eu comecei.

Fazia uma seção de esporte. Eu ficava o domingo todo escutando o resultado do futebol do Brasil no rádio e, na segunda-feira, levava para o *Diário* publicar. Dali eu passei a trabalhar num jornal chamado *A República*, fundado no dia 15 de novembro de 1889, dia da inauguração da República do Brasil. Esse jornal circulou pela primeira vez nesse dia.

Nesse jornal, fui colega de Câmara Cascudo, que depois se transformou no maior intelectual do meu estado. Lá eu comecei a fazer uma coisa incrível, a reportagem da Guerra. Eu ficava escutando a rádio francesa, a BBC de Londres, a rádio de Nova York e captava aquele noticiário todo no ouvido e transformava aquilo em telegramas vindos de Berlim, Paris, Londres. Cansei muitas vezes de, no dia seguinte, abrir o jornal e toda a primeira página tinha sido escrita por mim de telegramas que teriam sido enviados dessas cidades. Eu tinha um mapa na parede. Com alfinetes acompanhei toda a contra-ofensiva russa que empurrou os alemães desde de Stalingrado até a fronteira, através das estepes russas.

Um dia, comuniquei à minha família que eu ia para o Rio de Janeiro. Foi um tabu terrível, porque eu tinha apenas 16 anos e aquilo foi um impacto muito grande na minha família. O filho mais velho, geralmente, ficava em casa para trabalhar, para ajudar na educação dos filhos mais novos.

Eu me recordo de uma cena de uns tios que se reuniram na sala de visitas da minha casa e um deles, que era o homem mais culto da família, me apontou me acusando: "Esse filho é um ingrato, é um traidor. Quando chega na idade de ajudar em casa deserta". Eu não sei por que alguma coisa me dizia, dentro da minha cabeça, que eu tinha de vir pro Rio de Janeiro. Eu hoje me pergunto o que se passava na cabeça daquele rapaz de Natal, porque ainda menino, e já naquele tempo, decidira ser jornalista no Rio de Janeiro. Toda a minha geração ou vinha para Recife ou vinha para Maceió fazer as provas nas faculdades de Direito, porque o Rio Grande do Norte não tinha faculdade nenhuma. Eu vi que Natal não tinha fronteiras para mim e eu tinha que vir pro Rio de Janeiro.

Cheguei no Rio, desci do Ita do Norte na praça Mauá, não sabia onde era a Zona Norte, onde era a Zona Sul e me ofereci em todos os jornais para que eles me experimentassem, para saber se eu prestava ou não. O Rio, naquele tempo, tinha trinta e oito jornais diários: *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *O Radical*, *A Vanguarda*, *A Noite*, *A Manhã*... O único que me fez uma experiência foi o *Correio da Noite*. Era um jornal católico, da Arquidiocese, que me deu emprego

numa reportagem que hoje não existe mais, uma reportagem marítima. Eu e mais cinco repórteres da *Noite*, da *Manhã*, do *Diário Carioca*, *Diário de Notícias* etc. tomávamos uma lancha da polícia marítima na Praça Mauá e saíamos para interceptar os navios transatlânticos que chegavam dos Estados Unidos e da Europa trazendo pessoas importantes a bordo. Nós subíamos por uma escadinha de corda, entrevistávamos aquelas pessoas e, de volta à redação, publicávamos aquelas reportagens. Depois, passávamos no guichê e fazíamos um vale de 50 cruzeiros.

Eu estava nesse ponto quando houve uma vaga na reportagem do *Correio da Noite*. Um jornalista chamado Abner de Freitas, um dirigente da ABI, me deu uma chance no quadro de redatores do *Correio da Noite*.

Aí aconteceu uma viagem no Ano Santo para Roma, em 1950. O *Correio da Noite* ganhou uma passagem de cortesia, tinha o direito de mandar um repórter e eu saí daqui desse navio Geni, um cargueiro que comportava 50 passageiros. Éramos 500 nessa peregrinação no Ano Santo. O que se passou de falta de higiene, de falta de acomodações... Cheguei em Roma e mandei uma série de reportagens sobre o Ano Santo.

Quando voltei, na redação do *Correio da Noite* tocou o telefone e eu fui atender. Era o Carlos Zaqui e disse: "Murilo, aqui é o Carlos". E eu digo: "Ô vagabundo, eu trouxe as fotos daquelas mulheres nuas que você me encomendou de Paris". E ele: "Não, Murilo, aqui quem está falando é o Carlos Lacerda". E eu disse: "Olha, o senhor me desculpe Dr. Carlos, mas eu pensei que era um amigo meu de Copacabana e tal". "Não, Murilo, eu percebi logo, eu quero saber de você é o seguinte: eu vou lançar um jornal, a *Tribuna da Imprensa*. Li suas reportagens da Europa, gostei muito delas e gostaria que você viesse trabalhar comigo". Eu, então, não fui ao diretor do jornal, o Abner de Freitas, porque o jornal tinha me dado aquela viagem à Europa e eu me considerava na obrigação de ser grato. Não fui, mas três meses depois o Carlos Lacerda voltou a telefonar para mim: "Olha, Murilo, se você não vem, me diga porque eu vou convidar outro para o seu lugar". E eu fui ao Abner de Freitas e disse: "Olha, doutor, eu estou aqui e o Carlos Lacerda me convidou para o jornal dele e eu não quero ir porque quero ser grato ao *Correio da Noite*". E ele disse: "Olha, Murilo, eu não gostava desse filho da tela, esse é um canalha, eu não gosto dele, mas eu não tenho também o direito de te prejudicar. Isso aqui está no fim, o jornal vai ser vendido e, enquanto isso, a *Tribuna da Imprensa* é alguma coisa nova, o Carlos Lacerda é um grande professor de jornalismo e você lá vai ter futuro". Eu agradeci muito a correção desse homem. E fui para a *Tribuna da Imprensa*.

Foi uma grande escola para nós todos, Carlos Lemos, Luiz Garcia, Villas-Bôas Corrêa, Carlos Castelo Branco, Zuenir Ventura, todos passamos pela *Tribuna da*

*Imprensa*. O Carlos Lacerda foi um grande professor de jornalismo. Ele nos reunia na redação, corrigia os nossos textos, dizia como se deve dar título. Dizia assim: "Toda multidão é feroz, todo animal selvagem é valente", enfim, para a gente dispensar os adjetivos.

Na *Tribuna da Imprensa* nós atravessamos fases terríveis da vida política brasileira. Por exemplo, o suicídio de Getúlio. Nós combatíamos o Getúlio, em 1954, e aí eu gostaria de contar um episódio que me aconteceu. Eu estava na redação da *Tribuna* no dia 11 de agosto de 1954. Uma semana antes tinha havido o atentado da Rua Toneleros, quando o Major Vaz foi morto e o Carlos Lacerda recebeu um tiro na perna. Nós estávamos conspirando para derrubar o Getúlio e o Carlos Lacerda queria se encontrar com o Café-Filho, vice-presidente da República, meu conterrâneo de Natal. Eu disse: "Olha, Carlos, desde de que o Café-Filho se elegeu vice-presidente nunca mais falei com ele. Eu fui muito amigo dele naquele tempo em que ele era deputado federal no Palácio Tiradentes. Mas se você quer falar com ele, eu vou entrar em ação". Saí da Tribuna, fui no gabinete do Café ali no Ministério do Trabalho no último andar. Cheguei, me anunciei e o Café me mandou entrar logo na sala dele e eu disse: "Presidente, estou aqui numa missão do Carlos Lacerda. Ele quer falar com o senhor". E ele me disse: "Mas, Murilo, eu estou evitando qualquer contato com pessoas que pareçam que eu estou conspirando contra o Doutor Getúlio. Eu fui inimigo dele, fui adversário dele em 1937, fui exilado na Argentina por ele, mas depois disso nos reaproximamos a tal ponto que anos depois eu corri, disputei a presidência da República sendo o vice dele, nós dois na mesma chapa. Então, eu não quero que ele agora ache que eu estou conspirando contra ele". Então, eu disse: "Presidente, eu volto e dou a sua resposta ao Carlos". E disse: "Não, Murilo, mas com o Carlos eu me encontro. Só resta saber o local do encontro porque no meu apartamento não pode porque está sendo vigiado, no apartamento do Carlos Lacerda muito menos", aí virou assim para mim e disse: "e no seu apartamento por que não pode ser?". Eu disse: "Olhe, presidente, eu moro com dois tios num apartamento modesto, não se presta para uma reunião tão importante como essa". E ele disse: "Bom, está hospedado aqui no Hotel Serrador, um amigo nosso de Natal chamado Olavo Galvão de Medeiros, presidente do Banco do Nordeste. Ele vem almoçar comigo e eu de lá mesmo vou para o Hotel Serrador e me encontro com o Carlos Lacerda". Voltei e o Carlos estava fazendo o reconhecimento da guarda pessoal de Getúlio, que estava desfilando diante dele no quartel da Salvador de Sá. Quando terminou o reconhecimento, ele já veio com dois coronéis da aeronáutica, de metralhadora na mão, (os guarda-costas do Carlos Lacerda), e eu disse: "Olha, Carlos, o presidente se encontra com você às duas horas da tarde no Hotel Serrador". AÍ: "Sim, Murilo,

mas eu estou com uma fome danada. Vamos em casa comer qualquer coisa e depois nós vamos para lá”.

Fomos para Copacabana, na Rua Pompeu Loreiro, 184, almoçamos e de lá viemos para o Hotel Serrador para se encontrar com o Café. Quando nós chegamos no Hotel, o Carlos Lacerda, com a perna engessada por causa de uma bala que o tinha atingido no atentado, subiu no elevador e pediu ao ascensorista que tocasse no 7º, no 8º, no 10º até o 15º andar para despistar. Quando chegamos no 15º andar e abriu a porta do elevador e nós saímos, veio o Carlos Lacerda já numa cadeira de rodas, foi entrar no apartamento 1501 do Hotel Serrador, onde estava o Café.

Eu vi o Café Filho no fundo do apartamento com um terno branco, suspensórios pretos e você vai saber já porque suspensórios pretos. Eles conversaram por 2 horas, e o Carlos, quando saiu do apartamento, fez assim para mim dando a entender de que tinha ido tudo bem no encontro dele com o Café.

Porque toda a conspiração contra o Getúlio esbarrava nessa incógnita: saber se o Café aceitaria ou não substituir o Getúlio. Naquele dia, 11 de agosto, o Carlos Lacerda conseguiu convencer o Café Filho a assumir a presidência da República se ele fosse derrubado. Foi naquele dia. Até então ele não estava na conspiração, mas naquele dia ele entrou.

O Carlos Lacerda lutou contra o Getúlio e, no dia 24 de agosto, o Getúlio se suicidou. O Café assumiu a presidência. Eu estava no apartamento do Café às 5 horas da manhã do dia 24 de agosto quando chegou o Heron Domingues, começou a anunciar pela Rádio Nacional o suicídio do Getúlio, lendo aquela carta testamento. Dali se reuniu os amigos do Café e disse: “O presidente tem que assumir imediatamente porque houve um vazio na presidência da República com o suicídio do Getúlio”.

Nós saímos num carro da Avenida Copacabana esquina Joaquim Nabuco, onde era o apartamento do Café. O Café foi no carro com o Oséas Martins, que era o jornalista, e o Elmano Cardim, que era o diretor do *Jornal do Commercio*, e saíram rumo ao Palácio das Laranjeiras, porque o Palácio do Catete estava inacessível, o povo já estava em volta do Palácio, em volta do cadáver do Getúlio. Fizemos o trajeto todo nos livrando dos feirantes e dos madrugadores que já estavam se rebelando na rua contra o vice-presidente. Quando nós chegamos no portão do Palácio das Laranjeiras, o Café quis entrar e uma segurança do portão disse: “Quem é o senhor?”. E o Café Filho disse: “Eu sou o novo presidente da República, posso entrar?”- “Se identifique”. O Café tinha saído naquele sufoco do apartamento e não tinha trazido nem dinheiro, nem documento e foi uma luta para ele ter acesso ao Palácio. No Palácio, ele tomou posse. Foi muito precária, não tinha quem entregasse o poder a ele, porque o poder estava com o Getúlio morto. De lá, ele

começou a tentar a governar o país, o povo na rua e revoltado contra o suicídio do Getúlio.

O Carlos Lacerda, sete meses depois já estava contra o Café. Deixa eu voltar atrás. Quando o Café assumiu o compromisso com o Carlos Lacerda disse: "Murilo, só tenho uma condição a impor para isso: que esse encontro nunca seja revelado". E eu disse: "Da minha parte o senhor pode ficar tranqüilo que não será". E, realmente, não foi nunca. Mas sete meses depois, eu abro a *Tribuna da Imprensa* e está um artigo do Carlos Lacerda de alto a baixo dizendo: "O homem de suspensórios pretos". Era toda a conversa dele com o Café que se revelava naquela hora e, com isso, se deixava de cumprir o único compromisso que eu tinha assumido com o Café: de não revelar nunca aquele encontro.

Mas aí, como aconteceu com todo mundo, eu também rompi com o Carlos. Eu já estava me libertando dele, fazendo um programa na *TV Rio, Congresso em Revista*, programa que foi ao ar durante sete anos consecutivos, durante cinco anos no Rio de Janeiro e dois anos em Brasília, com o mesmo patrocinador, Zenith de Rádio e Televisão.

O Carlos Lacerda já estava sentindo que eu estava me libertando dele, que eu já estava me projetando numa revista da Manchete e numa televisão. Começou, então, a querer que eu ficasse exclusivo da *Tribuna da Imprensa*, mas eu dizia: "Mas, Carlos, o que é que você tem a ver com que eu faço fora daqui? Uns vão para a boate, uns vão para a boemia, eu vou pra trabalhar com uma revista que não concorre com teu jornal e uma televisão que não concorre com teu jornal". Mas, mais cedo do que eu imaginava, eu não pude resistir à pressão porque ele chegava 7 horas da manhã no jornal, ia entrando pela redação dizendo: "Murilo, você já falou com o Afonso Arinos? Já falou com o Nereu Ramos?" e eu dizia: "Não Carlos, está cedo ainda". E aí: "Isso não. É porque você é um incompetente". Eu achei que aquilo estava num crescente muito grande e um belo dia eu fiz uma cartinha para ele e deixei no placar da redação. Ele dizia para mim: "Você não nega, porque você é um mercenário, você quer tirar 70 contos da boca dos meus filhos", mas eu dizia: "Mas, Carlos, o que é que tem a ver a boca dos seus filhos com a sociedade anônima e toda a *Tribuna da Imprensa*? Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Você quer me mandar embora, veja aí quanto eu tenho de direito, me paga e eu vou embora". Achava que eu era um mercenário porque eu queria o dinheiro dele. Então, nesse bilhete eu dizia assim: "Carlos aí ficam os 70 contos que, aliás, não são 70 são 7 mil, mas se fossem 70 mil, eu deixaria do mesmo jeito, porque eu quero é ter tranqüilidade de espírito para trabalhar em outra empresa e me realizar". Foi aí que eu fui para a Manchete.

**Como você definiria esse viés político tão demarcado da *Tribuna da Imprensa*? Como era fazer jornalismo num veículo desses?**

Ele era a grande estrela do jornal, porque realmente os textos dele eram maravilhosos. Poucos jornalistas no Brasil tiveram uma projeção tão grande quanto o Carlos Lacerda.

Mas, no dia do suicídio do Getúlio, às 8 horas da manhã, o Carlos Lacerda apareceu na Tribuna da Imprensa. O Getúlio tinha suicidado às 5 horas da manhã e nós começamos a conversar com ele, que já estava com dois coronéis da Aeronáutica. De lá, ele pegou um helicóptero e foi para a Ilha do Governador. Ficou se querendo saber o que é que nós iríamos fazer no jornal.

A multidão estava na rua ameaçando depredar o jornal como depredaram *O Globo*. Nós escalamos quatro jornalistas para defender o jornal que eram o Eliseu, o Hilcar Leite, o Walter Cunto e o Amaral Neto. Nós rolamos bobinas de jornal para escorar as portas e fomos para o segundo andar. De lá, nós vimos quando a multidão vinha pela Rua do Lavradio para nos linchar. Ficamos quatro, ainda, defendendo o jornal e o Carlos Lacerda falando conosco: "Larguem o jornal! O importante é salvar a vida de vocês, larguem isso aí!". Quando foi 4 horas da tarde, eu comecei a entrar em contato com o Coronel Siseno Sarmento, que depois foi general e que tinha assumido o comando das tropas aqui no Rio de Janeiro. Pedi a ele: "Coronel, mande um grupo de cavaleiros aqui nos defender no jornal contra essa multidão que quer nos linchar". Ele conseguiu mandar sete cavaleiros que isolaram o jornal e dispersaram aquela multidão. Porque eles já começaram a jogar pedras, uma quebrou a vidraça e feriu o rosto do Cunto.

Enfim, o Carlos Lacerda já estava com o poder na mão, mas apesar disso ele nos ajudava muito a fazer um bom jornal. Nós tínhamos naquela ocasião a síndrome do furo. Nós éramos 12 ou 15 jornalistas políticos que nos virávamos dia e noite entre o Palácio Tiradentes, entre as redações dos jornais, lutando pelo furo, porque cada um de nós queria ter notícias que o outro não tinha.

Hoje em dia, isso já é muito diferente, porque a competição é mais na base da televisão, não é na base do texto escrito. O Carlos Lacerda fazia muita questão que nós fizéssemos o texto o melhor possível. Ele era realmente insuperável, porque naquele mesmo tempo ele se elegeu deputado pelo Rio de Janeiro.

Eu me recordo demais dos debates aqui no Palácio Tiradentes com ele enfrentando os adversários do PTB. A deputada Ivete Vargas pediu um à parte e disse: "Vossa excelência não nega que é a causa de todos os males políticos desse país!". Ele se virou e quando viu que era a Ivete disse: "Se eu sou a causa vossa excelência é o efeito". E assim por diante. Coisas que só ocorriam naquele cérebro privilegiado



como grande debatedor que era. Foi também um grande mestre para nós, jornalistas. Ele nos ensinou a ser jornalistas.

**Antes do suicídio do Getúlio, como era o embate entre o *Tribuna da Imprensa* e o *Última Hora*?**

O Carlos Lacerda começou a sentir a concorrência do *Última Hora*. Era um jornal, realmente, muito mais bem feito que a *Tribuna da Imprensa*, mais bem impresso, de cores. O Carlos Lacerda achava que isso tudo era dinheiro do *Banco do Brasil* e foi aí que começou aquela Comissão Parlamentar de Inquérito que o (incompreensível) Aguiar era o relator, o Castilho Cabral era o presidente e o Armando Falcão era o grande deputado que apoiava o Carlos Lacerda contra o Samuel Wainer.

Como é que começou a luta direta do Carlos Lacerda? Eu fui testemunha do episódio. Um belo dia, um repórter apareceu na redação da *Tribuna da Imprensa* trazendo a notícia de que, pressionado pela oposição, Getúlio resolveu é designar um desembargador para investigar o financiamento da *Última Hora* pelo Banco do Brasil. Naquele mesmo dia, o *Última Hora* saiu à tarde, dizendo que o Carlos Lacerda tinha obrigado aquele repórter a forjar a notícia, que era falsa. Nós continuamos a sustentar que a notícia era verdadeira. Um belo dia, eu fui à residência de um desembargador, na Rua Voluntários da Pátria, cheguei lá e perguntei ao porteiro: "O desembargador fulano de tal está aqui?" (não me recordo agora o nome). E ele disse: "Não. Está no Rio Grande do Sul há um mês". Aí eu disse: "Então como é que o desembargador podia ter dado essa notícia para esse rapaz aqui no Rio?". Cheguei pro Carlos Lacerda e disse: "Esse menino está mentindo, forjou essa notícia para nos desmoralizar". O rapaz foi demitido e, no dia seguinte, apareceu no *Última Hora*, na primeira página confessando que tinha sido obrigado pelo Carlos Lacerda a forjar aquela notícia.

Nós estávamos completamente arrasados. Eu subi com o Carlos Lacerda para um sítio dele no Rocio, em Petrópolis. Ele estava desesperado achando que estava tudo perdido, mas disse: "Murilo, eu agora vou para valer. Tudo ou nada. Eu já estou mesmo desgraçado". Foi aí que nós constituímos essa Comissão Parlamentar de Inquérito, que foi o começo da *Última Hora* com aquelas séries de depoimentos na comissão que terminaram nas portas do Catete, provando que o Getúlio tinha financiado a *Última Hora*. Aí começou a derrocada do Getúlio.

**Houve momentos em que o Lacerda e a *Tribuna* forjaram alguma coisa nesse embate com a *Última Hora*?**

Não. Nunca houve. Houve essa tentativa de se parecer que era uma notícia forjada pela *Tribuna* quando realmente não era.

**Você se lembra da morte do Nestor Moreira? Também houve uma certa confusão entre os jornais, não foi?**

O Carlos Lacerda participou do enterro do Nestor Moreira de braços dados com os jornalistas, até o cemitério São João Batista. Eu me recordo perfeitamente desse episódio.

A rivalidade entre os dois jornais era enorme. E a *Última Hora* ia ganhar a parada porque fazia um jornalismo melhor. A *Tribuna da Imprensa* sempre lutou com muita falta de recursos, com muita falta de dinheiro, e enquanto isso a *Última Hora* esbanjava recursos. Ampliou-se, em São Paulo, com uma edição paulista e aqui uma edição de manhã e outra de tarde. Era um jornal realmente muito melhor que a *Tribuna da Imprensa*.

**A *Tribuna* também era um jornal de fazer muitas campanhas. Você lembra de algumas?**

Lembro. A campanha em que o Carlos Lacerda provava que a polícia tomava o dinheiro dessas pobres mulheres do Mangue. Fez uma campanha "Ajuda Teu Irmão", pelos flagelados do Nordeste. Eu fui várias vezes ao Ceará para trazer material para alimentar a campanha. Outra campanha do Carlos Lacerda foi contra o jogo do bicho, provando que o governador do Rio de Janeiro ganhava dinheiro dos banqueiros do jogo do bicho. Enfim, a *Tribuna da Imprensa* vivia um pouco essas campanhas. Isso alimentava a onda da *Tribuna da Imprensa*.

**Como era a hierarquia dentro da *Tribuna da Imprensa*?**

O Carlos se ausentava muito em viagens para os Estados Unidos e o jornal ficava na mão do Aluísio Alves, que era deputado federal lá do Rio Grande do Norte, muito lacerdista e que assumira a direção da *Tribuna*. O diretor da redação já era o João Duarte Filho, que foi um grande jornalista, ensinou a nós como se faz uma notícia. E tinha a reportagem política, a reportagem de polícia, reportagem da cidade, era dividido em vários setores, cada um de nós cuidava de um. Eu era o chefe da reportagem política da *Tribuna da Imprensa*.

**Na reportagem política, havia muita disputa pelas fontes entre os jornais?**

Sim. Havia a obsessão do furo. Cada um de nós, repórteres políticos, tínhamos determinados deputados, senadores, que eram da nossa confiança e que nós confiávamos muito. Um belo dia, o José Maria Alkmin chegou para mim e disse:

"Murilo, essa notícia pra você. Essa primeira parte aqui da notícia você pode botar na minha boca, a segunda parte é para sua orientação e a terceira parte você não publique nunca". Se a gente cumpria aquele cronograma nós conquistávamos a confiança de uma fonte. Cada homem desses era conquistado diariamente, e a gente, em troca disso, projetava ele numa notícia e ele ficava feliz da vida.

Naquele tempo, eu já estava na Manchete e fazia uma seção: Posto de Escuta, seção de notícias pequenas, com o nome das pessoas em negrito para chamar atenção, eram duas páginas só de notas pequenas. Um belo dia, o deputado Oscar Correia chegou para mim e disse assim: "Murilo, eu sei que você e o [Carlos] Castello Branco vivem muito de notícias, de informações. O Castello para a coluna dele no *Jornal do Brasil*, você para a sua coluna, na sua seção *Posto de Escuta*. Então, quando você tiver uma frase inteligente você bota na minha boca, agora quando a frase for burra você bota na boca dos meus adversários". Se a gente cumpria isso, conquistava uma fonte.

**Os jornais eram tão partidários... Tinha jornal que era udenista como a *Tribuna*, tinha jornal que era pessedista... Os políticos daquele determinado partido, eles privilegiavam o jornal? Como era? A UDN privilegiava a *Tribuna*?**

Sim, no sentido de que era mais uma fonte maior, mais poderosa a nosso favor. Tinha *O Globo*, que era um jornal que não costumava tomar partido, tinha o *Diário de Notícias* que era de tendência udenista também, o Estado de São Paulo que era também da UDN. Enquanto isso, *O Radical*, por exemplo, era do Jorge Galvão, que era PSD, e a *Última Hora* que era Getúlio. Cada um tinha o seu jornal que dava vazão às notícias do seu interesse.

**Lacerda e Juscelino: como foi a relação entre eles?**

Eles se combateram muito, muito mesmo. A tal ponto que quando eles já estavam fazendo as pazes, naquela Frente Ampla, o Adolfo Bloch perguntou: "Mas, Dr. Carlos, por que é que o senhor combateu tanto o presidente Juscelino? Por que é que o senhor não se juntou com ele desde aquela época?" Eu me recordo que o Carlos Lacerda respondeu: "Pelo seguinte, Bloch: ele era tão simpático que eu tinha medo que ele me conquistasse". Realmente foi uma luta de vida ou de morte que depois eles tentaram se reaproximar naquela Frente Ampla, mas aí já era um pouco tarde demais, os militares já estavam no poder e iam ficar mesmo durante 21 anos.

**Qual a motivação dessas constantes viagens do Carlos Lacerda aos Estados Unidos e a ausência dele do jornal?**

Ele viajou várias vezes fugindo. Estava em risco de vida e os amigos procuravam que ele fosse para o exterior. Em segundo lugar, ele tinha um posto de direção na Sociedade Interamericana de Imprensa, SIP, e tinha que viajar para atender esses compromissos lá fora. Mas, ele era também muito enviado de jornais brasileiros. O *Estado de S. Paulo* várias vezes custeou viagens do Carlos Lacerda ao exterior para mandar reportagens. Enfim, ele tinha obsessão, por exemplo, por Nova York. Ele achava Nova York a cidade mais bonita do mundo e, vez por outra, ele fugia para Nova York e deixava o jornal na nossa mão.

O jornal várias vezes ficou na mão do Aluísio Alves, na mão do João Duarte Filho, na mão do Hilcar Leite e na minha mão como chefe da reportagem política. A tal ponto que quando o Juscelino Kubitschek foi pela segunda vez a Brasília, em 1957, ele me convidou para ir com ele. Eu era da *Tribuna da Imprensa*, que mantinha um terrível combate contra ele e Brasília. O Carlos Lacerda era contra o Juscelino e Brasília. Apesar disso, ele me convidou para ir com ele. Saímos daqui, pousamos em Belo Horizonte, e de lá decolamos. Em Brasília, pousamos numa pista improvisada atrás do Catetinho, que tinha sido construído na semana anterior, com projeto do Niemeyer.

Chegamos de noite, o Juscelino no segundo andar do Catetinho, e no andar térreo estava o Oscar Niemeyer com os engenheiros e os arquitetos de Brasília tomando um uísque quente, porque naquele tempo não tinha energia elétrica em Brasília, então, não tinha gelo. O Juscelino disse lá de cima: "Olha, Oscar, você sabe que eu não gosto de uísque, mas quem sabe uma pedrinha de gelo aí dentro seria bom seria". Nem bem aquele desgraçado acabou de pronunciar essas palavras o céu de Brasília se fechou, se enfarruscou e desabou um toró de granizo. Era comovente ver aqueles engenheiros aparando com granizo para tomar uísque com gelo.

No dia seguinte, o Juscelino às 4 horas da manhã estava batendo a nossa porta para nós irmos ver as obras de Brasília com um Aerowillys. Fomos para onde hoje é a Praça dos Três Poderes. Ele disse assim: "Aqui vai ser o senado, aqui a Câmara, aqui o Supremo Tribunal Federal, aqui o Palácio do Planalto, onde eu vou trabalhar, e aqui diante de nós vai ser os Ministérios". Eu olhava e só via lama e poeira. Eu voltei de Brasília horrorizado, reuni o Adolpho, o Oscar, o Justino Martins e disse: "Olha, vamos entrar nessa porque o homem é doido e vai construir Brasília".

Foi aí que a *Manchete* entrou na onda de Brasília. Nós raciocinávamos do seguinte modo: quantos brasileiros nós somos? 50 milhões. Quantos têm chance de ir a Brasília para ver se aquilo é para valer ou não? Difícil avião, hotel não existia, então, nós começamos a mostrar as obras de Brasília. Foi aí que a *Manchete* cresceu na onda de Brasília. Eu ia toda semana com o Jader Neves e com o Gervásio Baptista, os dois fotógrafos da *Manchete*. Íamos a Brasília colher material,

fotografias e textos, para alimentar toda semana uma reportagem sobre as obras de Brasília. E, no dia 21 de abril de 1960, quando Brasília foi inaugurada lançamos uma edição histórica e especial que vendeu 1 milhão de exemplares. Naquele tempo nós éramos 50 milhões de brasileiros, não é como hoje que somos 200 milhões, não. É a ansiedade que os portugueses [sic: brasileiros], sobretudo, tinham de ter na mão um documento na mão sobre a inauguração de Brasília. Daí que veio a amizade de Adolpho Bloch e Juscelino Kubitschek.

**Antes da *Manchete*, você passou também pelo *Jornal do Commercio* e pelo *O Estado de S.Paulo*. Como foram essas experiências?**

Foi exatamente na reportagem política. Éramos um matutino no Rio de Janeiro e um matutino em São Paulo. Muitas vezes, eu botava em papel carbono e fazia o mesmo texto para os dois. Mas, o Estado de São Paulo tinha uma sucursal, na Rua da Quitanda, chefiada pelo David de Moraes Neto. O Villas-Bôas Corrêa era o principal redator político, eu era o repórter.

Eu comecei a trabalhar no *Jornal do Commercio*. Ainda era aqui, na Rua do Ouvidor, esquina de Rio Branco. Era aquele jornal da coluna larga, sedenta de texto. Não havia texto que conseguisse ocupar aquele espaço todo. Nós recorriamos muito ao *Diário do Congresso*, com tesoura na mão, cortando os discursos na íntegra dos deputados e publicando na íntegra no *Jornal do Commercio*.

Houve um incêndio na sede da Rua do Ouvidor e nos mudamos para a Rua Sacadura Cabral, já então com o jornal com a coluna normal. Naquele tempo, o Luís Paulistano, o Otávio Tirso e o Santiago Dantas eram os grandes redatores.

**Que época é essa em que você está no *Estadão* e no *Jornal do Commercio*?**

Isso foi em torno de 1958, 1957, por aí assim.

**Aquela modernização toda do *Diário Carioca*, do texto, e a do *Jornal do Brasil*, da reforma gráfica, já estava chegando aos outros jornais ou não?**

Já está ocorrendo nessa época. O *Diário Carioca* com o Pompeu de Souza e o *Jornal do Brasil* com o Odylo Costa, filho, os dois encarregados... O Pompeu foi o único que introduziu o lide na imprensa brasileira e o *Jornal do Brasil* tirou os anúncios [da primeira página] e passou para dentro do jornal, enquanto começou a dar matérias na primeira página, que não davam nunca.

**Você lembra dessa chegada do lide? Você passou a escrever diferente?**

Veja bem de onde é que nasceu esse lide, a primeira vez que se usou o lide na imprensa brasileira. No dia do atentado do Carlos Lacerda na Rua Toneleros, às 4 horas da manhã, o Armando Nogueira, que ainda está aí vivo pode confirmar esse fato. O Armando Nogueira estava chegando do *Diário Carioca*, acabando de fechar uma edição daquela dia, e assistiu ao atentado. Foi para um bar que tinha na esquina e de lá telefonou para o Pompeu: "Pompeu, você já fechou a edição de hoje?". Aí: "Não, estou fechando agora"; "Pois, então, se segure aí porque eu vou mandar um texto importantíssimo para você. Eu acabei de assistir a um atentado na Rua Toneleros e tem um corpo no chão e o Carlos Lacerda foi atingido".

O Armando Nogueira foi para o Diário Carioca, sentou na máquina de escrever e fez o primeiro texto do Brasil com um lide na primeira pessoa: "Eu acabei de assistir um atentado na Rua Toneleros com a morte de um oficial da aeronáutica e um ferimento no jornalista". "Eu assisti", ele começava um lide na primeira pessoa do singular. Foi a primeira vez que houve isso no Brasil, foi o Armando Nogueira que introduziu isso na imprensa brasileira.

### **Como era a situação da liberdade de imprensa nessa época?**

Nós tínhamos sofrido muito nos tempos difíceis do Estado Novo, com censura rigorosa à imprensa, e tudo o que nós nos libertamos em 1945, quando o José Américo deu aquela famosa entrevista no *Correio da Manhã* e estourou com o DIP. A partir de então os jornais passaram a usufruir de total liberdade de imprensa. Evidente que cada jornal tinha suas vinculações financeiras, econômicas, com bancos, com industriais, empresários. Mas do ponto de vista político, nós tínhamos uma orientação, vamos dizer, de udenistas e pessedistas, de governista ou de oposicionista. Mas nós não saíamos disso, nós sofriamos a influência dessas fontes. Era isso o que acontecia, o jornal até usava e abusava da liberdade de imprensa, de descobrir escândalos e de explorar o mais possível desses escândalos.

### **Você acha que naquela época havia sensacionalismo?**

Bastante. Nós tínhamos um jornal que tinham manchetes sensacionalistas. Tinha *Luta Democrática*, já do Tenório Cavalcanti, e também nessa mesma linha tinha *O Radical*. Eram jornais populistas e que exploravam bastante esse veio sensacionalista.

### **Como foi a criação da revista *Manchete*?**

A Revista *Manchete* nasceu do ideal do seu Adolpho Bloch que sempre gostaria de ter uma revista colorida que rivalizasse com *O Cruzeiro*. Naquele tempo, *O Cruzeiro* estava vendendo 800 mil exemplares por semana, além da edição em castelhano

que circulava na América do Sul toda. Pois bem, o Adolpho Bloch começou com uma revista, apenas, para enfrentar todo esse conglomerado de jornais e revistas, e ainda não televisões, mas rádios associados. O Adolpho achava que com uma revista bem impressa ele conseguiria enfrentar *O Cruzeiro* e a verdade é que conseguiu.

Eu me recordo perfeitamente das pessoas inteligentes que o Adolpho Bloch reuniu perto dele. Hoje, na Academia Brasileira de Letras, nós somos vários ex-redatores da Revista *Manchete*: Otto Lara Resende, Josué Montello, Raimundo Magalhães Junior, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, inclusive, Murilo Mello Filho, Afonso Arinos de Melo Franco e Cícero Sandroni. Enquanto, por exemplo, *O Globo* até hoje deu dois acadêmicos: Roberto Marinho e João Ubaldo Ribeiro. Os *Diários Associados* deram o Assis Chateaubriand.

Enquanto isso, a *Manchete* deu oito acadêmicos porque o Seu Adolpho Bloch gostava de pessoas inteligentes. Ele não era um homem culto, coitado, nem tinha tido tempo de adquirir cultura, porque viera da Rússia, fugido da Revolução Comunista, mas ele gostava de homens cultos em torno dele.

Também tem os quatro colunistas da *Manchete* que não se elegeram para a Academia porque não se candidataram: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Henrique Pongetti e Pedro Bloch. Eram acadêmicos certos, então, em vez de oito já seriam doze.

O Adolpho Bloch, por exemplo, mandava sempre o Gervásio Baptista cobrir as eleições de Miss Universo, que eram uma promoção dos *Diários Associados*, portanto, *O Cruzeiro* tinha toda a chance de dar sempre na frente da *Manchete*.

Pois bem, o Gervásio Baptista conseguia sempre furar os fotografos do *Cruzeiro* e mandava as fotografias da Miss Universo em primeiro lugar para a *Manchete* publicar em sua capa. Era essa a luta do Adolpho Bloch contra o *Cruzeiro*. A tal ponto que, depois, o *Cruzeiro* chegou à falência e a *Manchete* ainda continuou plena de juventude e de saúde por mais vários anos.

### **Quem fez parte da equipe que criou a *Manchete*?**

Inicialmente, o Adolpho Bloch contava com o Otto Lara Resende para dirigir a revista e, logo em seguida, com o Justino Martins, que foi um grande diretor da *Manchete* durante vários anos. O Justino tinha o dom de pegar uma foto e saber o rendimento que ela dava na página inteira. Foi essa beleza de impressão e de bons assuntos que promoveram a *Manchete* até a situação em que ela chegou.

### **Nessa disputa entre *Manchete* e *Cruzeiro*, você lembra das grandes reportagens de *Manchete*? O que foi mais marcante na revista?**

A reportagem sobre Brasília que a *Manchete* dava em primeira mão. Enquanto isso, havia uma ala nos *Diários Associados* que achavam que os *Diários* só deviam dar Brasília como matéria paga. Quando as revistas do mundo inteiro estavam noticiando a inauguração de Brasília, no dia 21 de abril, *O Cruzeiro* não deu uma linha, sustentando a tese de que só daria manchete como matéria paga da Novacap [Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil]. A tal ponto que Israel Pinheiro, que foi presidente da Novacap e depois prefeito de Brasília, um belo dia me chamou e disse: "Olha, Murilo, vocês estão ganhando muito dinheiro vendendo revista a custa de Brasília. Qualquer dia desses eu vou cobrar um royalty para vocês poderem escreverem sobre Brasília". Enquanto isso, nós estávamos crescendo de tiragem, a *Manchete* se reorganizando e se modernizando e *O Cruzeiro*, coitado, ia de crise em crise, até fechar.

### **Quando você se muda para Brasília?**

Eu mudei para lá em 1959, um ano antes da inauguração de Brasília. Brasília foi para mim muito penoso, porque eu peguei a fase dura da construção. Brasília não tinha nada. Para comprar um alfinete tinha que viajar 20 km até a cidade do núcleo bandeirante. Lá nós passamos o pão que o diabo amassou.

A compensar daquela falta de tudo, restou-nos a certeza de que nós estávamos participando de uma época áurea do Brasil, porque nós pegamos o final da construção de Brasília, a posse do Jânio, a renúncia dele, a posse do João Goulart, aquela batalha da legalidade, a destituição do João Goulart e o primeiro governo do marechal Castelo Branco. Então, em cinco anos, nós participamos realmente de alguns fatos importantes da história brasileira. E eu, graças a Deus, tive a chance de documentar tudo isso em textos e fotos.

A *Manchete* gostava muito de coisas curiosas de Brasília. E, um belo dia, o Adolpho Bloch mandou uma lancha para mim, o lago de Brasília tinha acabado de se encher, com o seguinte bilhete: "Murilo, aí vai esta lancha para você fazer relações públicas no lago de Brasília. Não faça economia em matéria de relações públicas porque nós, os judeus, perdemos o Cristo por falta de relações públicas". E botava um pós-escrito: "e um homem como aquele não se perde".

### **A *Manchete* foi a primeira a ter sucursal em Brasília?**

Foi. Nós tivemos uma sucursal provisória, lá éramos eu e o Gervásio: um fotógrafo e um repórter. Todos os jornais foram posteriormente abrindo sucursais naquela mesma rua até que se mudaram depois para sedes melhores ou a própria *Manchete* construiu uma sede muito bonita no setor de indústrias gráficas lá em Brasília,



defronte da Imprensa Nacional. Mas nós fomos pioneiros a estabelecer uma sucursal da *Manchete* em Brasília, em 1959, antes da inauguração.

**Num primeiro momento, a vida política ainda permanece aqui no Rio de Janeiro, não muda direto para lá. Como que é isso?**

Perfeitamente. O Rio de Janeiro continuava sendo a capital política do Brasil. Todos os ministérios, sobretudo o Itamaraty só se mudou para Brasília um ano depois da inauguração. As embaixadas estrangeiras também nesse mesmo período. Então só extraoficialmente era a capital do Brasil, mas a realidade é que o Rio de Janeiro e São Paulo continuavam sendo as duas grandes cidades brasileiras.

**A mudança da capital acabou mudando a cobertura política?**

Sim. Claro que muito de nós éramos tentados a ir para Brasília. Eu, por exemplo, me mudei para lá com mulher, um filhinho de três meses, e lá nasceram mais dois. Comemos o pão que o diabo amassou, não gosto nem de me lembrar das coisas. Por exemplo, minha mulher quase morre dos dois partos porque Brasília não tinha assistência médica nenhuma. Porque um médico que tinha um cartaz, um bom consultório no Rio, em São Paulo, não ia enfrentar aquele fim de mundo. Então, para lá só foi a ralé, a ralé da medicina brasileira. Lá mataram à toa por falta de assistência médica. Aqueles pobres diabos, aqueles candangos da cidade satélite morriam à toa porque não havia recursos médicos. O Tancredo Neves foi a última vítima da medicina de Brasília.

**Como você presenciou o governo Jânio e a sua renúncia?**

A minha recordação do Jânio vem de antes dele assumir a presidência da República. Nós estávamos em março de 1960, Brasília ia ser inaugurada no dia 21 de abril, e no firmamento brasileiro só existia uma estrela chamada Juscelino Kubitschek. O Jânio Quadros tinha renunciado, a candidatura dele tinha se esvaziado muito. No que se esvaziou, os líderes da candidatura do Jânio arquitetaram essa viagem a Cuba para o Jânio se recuperar. Então, nós decolamos daqui do Rio de Janeiro num *Constellation* fretado da Varig. Quem participava daquela delegação era o Jânio, a D. Eloá e a Tutu, a filha dele, o Castilho Cabral, o Afonso Arinos de Melo Franco, o Adauto Lucio Cardoso, o Carlão Mesquita, d'O *Estado de S. Paulo*, o Villas-Bôas Corrêa, o Carlos Castelo Branco, o Amaral Neto, o Hélio Fernandes.

Primeiro nós aterrisamos em Fortaleza, porque o Jânio Quadros queria ver a parede do Orós, do açude que tinha arrombado. De Fortaleza, nós decolamos no rumo de Havana. O que se bebeu nessa viagem entre Fortaleza e Havana! Caixas e caixas

de uísque, a tal ponto que um colega nosso, da nossa delegação, que eu não vou revelar o nome, bebeu tanto que desceu em estado de coma alcoólica em Havana. O Fidel Castro estava no aeroporto, recebeu o Jânio com aquelas maratas, com aquelas rumbas.

E o Jânio, então, começou a visitar Havana. Nós íamos até uma fábrica de charuto e os operários diziam: "Vocês acreditam nessa mentira do imperialismo, de que nós somos comunistas? Nós não somos comunistas". E, realmente, não eram.

O Fidel entrou em Havana no dia 31 de dezembro de 1959, no último dia do ano, na festa do ano novo ele desceu de Sierra Maestra, depôs o Batista e assumiu o governo. Nós chegamos em Havana em maio de 1960, um mês depois da inauguração de Brasília em abril, e o Fidel Castro estava recebendo o Jânio Quadros como o primeiro líder mundial internacional que visitava Havana depois que ele tinha tomado o poder.

No último dia da nossa presença em Havana, o embaixador do Brasil lá, chamado Vasco Leitão da Cunha, ofereceu uma recepção na embaixada a Jânio. O Fidel Castro veio de Sierra Maestra para essa recepção, estava na companhia do Raúl Castro, do Raúl Roa, que era o ministro do Exterior, do Dr. Osvaldo Dorticós, que era o presidente da República, e Guevara. Chegaram os cinco de uma vez só na embaixada.

A embaixada estava cheia de asilados políticos, perseguidos pela Revolução do Fidel. Então, o Fidel Castro, lá pelas tantas, tirou a cartucheira do cinto e botou em cima do móvel, num quarto onde eu estava com mais três jornalistas. Eu vi, com esses olhos que a terra ainda há de comer, quando um colega nosso roubou o revólver do Fidel. Era um revólver de estimação que tinha sido dado pelo ministro da União Soviética, com cabo de madrepérola. Ele tinha muita estimação por esse revólver, ficou uma fera com o sumiço. A guarda pessoal dele fez uma varredura na embaixada procurando, mas não encontrou. Encontraram a cartucheira, mas o revólver está até hoje na mão de um jornalista brasileiro amante de souvenir, que tinha roubado o revólver do Fidel para ficar como lembrança. Botou aqui por baixo do paletó dele. Eu nunca revelei o nome desse rapaz porque enquanto ele era vivo eu não disse, muito menos agora em que ele está morto e não pode sequer contestar.

Mas aí o Fidel Castro passou para uma sala ao lado e começou a estranha conversa para o Jânio, para o Castilho Cabral, o Amaral Neto e o Aduauto Cardoso e eu. Disse: "Entre aqui em Havana e queria nacionalizar um banco estrangeiro e o Dr. Manoel Rotia que nós tínhamos designado para presidência da República" - ele designava o presidente da República - "era contra. E o senhor sabe que nós queríamos nacionalizar uma empresa inglesa e o Dr. Rotia se opunha. O senhor

sabe, Dr. Jânio, o que é que eu fiz? Eu renunciei ao meu posto de primeiro ministro. No que eu renunciei, o povo veio aqui defronte a essa embaixada, acampou aqui três dias e três noites exigindo a minha volta. Eu voltei, demiti o Dr. Rotia, mandei-o para Miami e nomeei o Dr. Osvaldo Dorticós para presidente da República”.

Na volta, fizemos uma escala na Venezuela, porque o Jânio queria falar com o Rómulo Gallegos e o Rómulo Bittencourt. Ele queria deixar no Recife o Cid Sampaio e o Murilo Costa Rego e, então, do Recife nós decolamos para o Rio de Janeiro.

O Jânio Quadros que foi para Havana era um Jânio pessimista, derrotado, achando que não ia ganhar a eleição. O Jânio que voltou de Cuba era outro, animado, otimista, achando que ia ganhar. E me chamava lá no último banco do avião, rodando uma dose de uísque entre as mãos, pediu que D.Eloá saísse da cadeira ao lado para eu me sentar e disse: “Murilo, você viu o que o primeiro ministro fez? Ele renunciou e o povo veio para a rua exigir a sua volta”.

Eu tenho absoluta certeza, hoje, que aquele episódio narrado pelo Fidel Castro ao Jânio Quadros lá em Havana ficou trabalhando na cabeça daquele doido. Quando ele renunciou a presidente da República, foi para Cumbica em São Paulo, dentro do avião dizia, em altos brados: “Onde é que está o povo que não vem me buscar?”. Aí está a explicação para a renúncia de Jânio.

### **Você não ficou surpreso quando ele renunciou?**

Não, de jeito nenhum. Ele quis renunciar para voltar com mais poder e fazer as reformas que ele achava necessárias.

### **Só que Jânio não era Fidel.**

Um pouquinho diferente.

### **Você entrevistou o Guevara?**

No dia seguinte a essa recepção na embaixada, o Guevara nos convidou para ir ao gabinete dele no Banco Nacional de Havana, no qual ele era o presidente. Enquanto ele concedia uma entrevista a nós (nós: o Márcio Moreira Alves, que está aí vivo ainda para confirmar isso, o Carlos Castello Branco, que já morreu, e o Carlão Mesquita, que já morreu), do lado de fora da janela, as garotas ficavam como essas garotas aqui de rádio, pulando: “Viva Guevara! Viva Guevara! Viva Guevara!”, porque ele era um ídolo. A postura dele, muito bonito, com aquele cavanhaque, com aquele bigode. As moças tinham verdadeira adoração pelo Guevara. Dizem, inclusive, que gostavam mais dele do que de Fidel.

O Fidel, realmente, foi um grande líder. Nesse dia na embaixada, nos contou episódios comoventes da Revolução. Por exemplo, eles estavam lá em Sierra Maestra e precisavam fazer um fato que despertasse interesse da imprensa internacional. O Manoel Fangio estava em Havana, disputando uma corrida de carros, e eles o seqüestraram e o levaram para Sierra Maestra.

No que seqüestraram, o Batista começou a anunciar pela rádio que eles iam matar o Manoel Fangio, e com isso conquistavam a antipatia do mundo todo. Criou-se, então, para Fidel o problema de devolver o Fangio vivo para provar que o Batista estava mentindo.

Então, reuniu a tropa lá em Sierra Maestra, colocou o problema e disse que precisava de um voluntário para acompanhar o Fangio nessa ida ao centro de Havana. Porque eles começaram a anunciar pela rádio de Sierra Maestra que o Fangio seria devolvido tal dia, tal hora, para que o povo fosse para lá o receber. Aí ele pediu um voluntário e foi dessas coisas comoventes, toda a tropa deu um passo a frente, todos se ofereceram. Ele escolheu o garoto de 16 anos que acompanhou o Fangio. Foi e não voltou, foi morto pela tropa do Batista.

Essas e muitas outras histórias comoventes o Fidel Castro nos narrou nesse momento. Realmente, a Revolução dele foi uma revolução muito bonita. Começou com aquele desembarque na praia de Moncada, na primeira tentativa de depor o Batista. Na segunda tentativa, tiveram êxito, o depuseram e assumiram o governo. A tal ponto que nós ficamos no Hotel Havana Riviera e ele [Fidel Castro] veio do aeroporto com o Jânio Quadros e mostrou: "Olha aqui onde vocês vão ficar hospedados. Esse hotel pertencia a um mal cubano que o construiu com dinheiro do jogo. Nós nacionalizamos esse hotel, agora é nosso, ele já perdeu tudo e foi embora de Havana" e assim por diante (...) Porque Batista realmente cometeu muitos crimes, muitos erros, e a tal ponto que preparam o caminho para o Fidel Castro fazer a Revolução que ainda está lá.

**Nessa época da Revolução Cubana, como esse noticiário chega aqui ao Brasil? Há já algum medo do avanço do comunismo? Há certa autocensura dos veículos com relação às notícias da Revolução Cubana ?**

Sim. Houve uma fase em que as notícias de Cuba eram bloqueadas nos jornais e, sobretudo, nos jornais burgueses, de banqueiros, que tinham horror à experiência cubana e faziam tudo para ofuscá-la.

Realmente, ele se manteve fiel aos princípios defendidos pela Revolução e, somente agora, com a doença é que o irmão está tentando algumas aberturas que vão ter efeito breve. Mas até agora Cuba foi muito fechada e muito censurada nos jornais do mundo todo.

**E as suas notícias? Essa viagem em que você foi a Cuba, você conseguiu publicar tudo na *Manchete*?**

Sim. Nós trouxemos reportagens, fotos e textos, não fazendo apologia ao regime cubano, mas as coisas exóticas, as coisas interessantes. Nós publicávamos tudo.

**Com a renúncia de Jânio, como que foi a cobertura do governo Jango? Como foi a relação da imprensa com o Jango?**

O Jango era uma pessoa muito simpática, muito simples, discreto, não tinha lampejos de grande líder de massas. Mas ele foi, apenas, muito combatido pelos militares, que nunca se conformaram com a posse do Jango. E se prometeram a si mesmos que algum dia o derrubariam.

Quando o Congresso encontrou aquela forma parlamentarista para garantir a posse do João Goulart, começou a conspiração dos militares, do general Odílio Denis, do general Lott, do Cordeiro de Farias, do general Canrobert. Todos eles dispostos a derrubar o Jango porque achavam que ele queria conduzir o Brasil para uma República sindicalista ao modo de Perón. Não era nada disso. A coisa se agravou muito naquele comício, em frente a Central do Brasil, no dia 13 de março de 1964, quando o Jango desapropriou as fazendas ao longo das estradas e nacionalizou três produtores de gasolina, refinarias. Ele mesmo criou o ambiente para que os militares o derrubassem. E, então, com a Revolução de março começou aqueles dias tristes para a história brasileira, com tantas violências, com tantas perseguições, com tantas cassações.

**A imprensa se colocou contra o Jango?**

Sim. Violentemente. *O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Correio da Manhã, Diário de Notícias*, todos os grandes jornais contrários ao João Goulart porque o Jango fazia a política dos operários, dos sindicatos.

**Você estava presente no dia do comício da Central?**

Estava. Assisti.

**Qual é o seu relato do comício? Como você chegou lá? Qual foi a pauta daquele dia? Como foi o seu dia?**

Nós tivemos um acesso facilitado, porque estávamos numa camionete do jornal que tinha um trânsito relativamente livre. Mas quando começou a reunir aquela massa de gente, eu fiquei assustado. Sobretudo porque eu sabia que lá da janela do Ministério da Guerra os generais estavam assistindo ao Comício do Jango e tudo

estava se preparando para que ele fosse se afundando cada vez mais. Logo depois, veio aquela reunião no sindicato dos metalúrgicos, onde aquele cabo da marinha, cabo Anselmo. Tudo isso foi crescendo a tal ponto que quando o general Olímpio Mourão Filho tomou a frente das tropas em Belo Horizonte e marchou no rumo do Rio, praticamente a coisa já estava toda preparada para a tropa aqui se levantar também e derrubar o Jango. E foi muito triste, porque a partir daí o Brasil viveu horas muito infelizes. Como eu disse a vocês, de muita perseguição, de muita injustiça.

Por exemplo, eles cassaram o Juscelino que não era inimigo deles, era, apenas, o homem mais popular do Brasil. Foi cassado por causa disso. Eu me recordo perfeitamente no dia da cassação do Juscelino. Quando foi cassado ele estava com um revólver na mão disposto a se suicidar. A sorte é que o chefe da Casa Civil do Castelo Branco, senador Luiz Viana Filho, na Hora do Brasil, deu uma nota dizendo que ele tinha sido cassado por motivos políticos e não por corrupção. Foi isso que aliviou um pouco o sofrimento do Juscelino e ele pôde terminar seus dias naquele acidente trágico na via Presidente Dutra.

**Você se lembra das edições de *Manchete* na época do Golpe de 64? Como que a revista noticiou o acontecimento?**

A revista vendeu muito naquela ocasião, porque nós tínhamos fotógrafos muito bons como o Nicolau Drei, o Gervásio Baptista, o Jader Neves, que apanharam flagrantes muito bons. A revista conseguiu vender bastantes exemplares nessas revoluções, nessas agitações populares.

**Você fazia naquela época o programa *Congresso Em Revista*, na TV Rio. Como era fazer um programa político nesse novo cenário?**

O *Congresso Em Revista* foi um projeto que eu dividi em três partes: o assunto da semana, o parlamentar da semana e os ausentes da semana. Com base no diário do Congresso, eu via as ausências das sessões e publicava o nome deles na televisão. Isso deu uma repercussão muito grande. O grande rival meu era o Arnaldo Nogueira, na TV Tupi, *Falando Francamente*.

Eu fiz esse programa durante três anos no Rio e depois dois anos em Brasília. Eu trazia aquele rolo debaixo do braço no avião para chegar aqui no Rio e botar no ar. Não tinha negócio de link, nada disso. Tudo isso é novidade. E fazia aquilo num apartamento improvisado em estúdio para a televisão. Foi essa a minha performance na TV. Depois, quando veio a TV *Manchete*, eu fiquei fazendo o comentário político do jornal da *Manchete* e participando das mesas redondas. Foi aí a minha participação na televisão.

**Como foi a sua relação com os presidentes militares?**

Eles sempre me trataram muito bem, mas eu sempre mantive uma distância muito grande deles, porque eu raciocinava do seguinte modo: eles vão passar algum dia e eu quero continuar sendo jornalista. Por que é que eu vou fazer o jogo deles? Então, eu nunca quis intimidade com nenhum presidente militar, apesar dos convites. Recebi dois convites de dois deles para ser secretário de imprensa. Nunca aceitei, porque eu estava convencido de que algum dia eles iam passar e eu ia continuar como jornalista.

**Passa a ser mais difícil o trabalho jornalístico durante a ditadura?**

Sim. Foi uma coisa penosíssima. Muita censura de coronéis, de tenentes nas redações censurando: "isso aqui não pode sair, isso aqui pode sair". Enfim, foi um verdadeiro tumulto, um inferno as redações nos tempos dos militares.

**Você viveu isso tudo?**

Sim. Aqui no Rio, porque já então não estava mais em Brasília. Porque quando começou o governo Castelo Branco eu voltei pro Rio, para a *Manchete* no Rio. Realmente, nós tivemos dificuldades muito grandes. Não podia publicar isso, não podia publicar aquilo, fotografia de fulano, fotografia de cicrano. Enfim, foi um Deus nos acuda aquele tempo.

**Como era a relação de amizade do Bloch com o Juscelino?**

Eles foram muito amigos, sobretudo, na fase da construção de Brasília. Porque aí ambos falavam a mesma linguagem, a linguagem do desenvolvimentismo, das construções, eram fazedores de coisas.

Mas a primeira vez que eles se encontraram foi no Palácio do Catete. O Juscelino era presidente da República e levou uma edição da *Manchete* sobre as metas do governo. Aí se encontraram mais duas vezes. Mas, a amizade se intensificou no ostracismo do Juscelino, quando o Juscelino já não estava mais no poder.

O Bloch foi ser padrinho de uma neta do Juscelino que nasceu em Lisboa. Eles ficaram muito amigos, a tal ponto que depois quando a Denasa, que era a empresa do Juscelino aqui no Rio, fechou as portas e ele não tinha onde receber os amigos, o Adolpho preparou o último andar do edifício *Manchete* para ser o gabinete do Juscelino. Pedia muito a mim, ao Magalhães Junior, ao Arnaldo Niskier, ao Zevi Ghivelder, ao Justino Martins: "Vão lá em cima falar com o presidente. Eu não quero que ele se sinta um intruso na nossa empresa, eu quero que ele se sinta como se estivesse em casa".

Eu fui várias vezes falar com o Juscelino, conversei horas inteiras com ele. Durante uma dessas conversas, ele me fez confissões perigosíssimas até. Ele disse, por exemplo, "Murilo, esse marechal que está na presidência da República", ele nem disse o nome, "é um reles traidor porque ele se comprometeu comigo a respeitar o meu mandato de senador e de candidato a presidência da República e me cassou. Eu tenho muito desprezo por ele" e assim por diante.

Ele foi realmente um homem muito interessante, porque falou uma linguagem que o Brasil não estava acostumado a escutar, a linguagem do progresso, do otimismo. Um belo dia eu disse para ele: "Presidente, por que é que o senhor fez isso com esses oficiais da Aeronáutica que se levantaram em armas contra o senhor na Revolução de Aragarças e Jacareacanga? O senhor os perdoou, os anistiou e até os promoveu, um deles chegou a brigadeiro" Ele disse: "Olha, Murilo, você queria que eu os transformasse em mártires, em vítimas?"; "Não". Ele tratava os inimigos desse jeito. Era uma criatura inteiramente diferente no cenário brasileiro, como estilo de vida, como animação.

Ele já estava no auge da construção de Brasília, eu já estava indo lá toda semana, um belo dia ele veio e o José Sette Câmara Filho era prefeito do Rio e tinha ido a Brasília. Eles vieram num helicóptero e pousaram onde hoje é aquela estação central de Brasília. Aquilo estava em obras, ele entrou lá e encontrou tudo atrasado. Ficou uma fera, saiu reclamando com os engenheiros: "Se vocês não são competentes, vocês me digam porque eu tenho muita gente competente para vir botar aqui, fazer essa obra no prazo que eu quero". Quando ia saindo tinha um molequinho na porta que ficou apavorado, vendo o presidente da República dando aquele estouro. Lá pras tantas, ele não se agüentou, passou e bateu: "Com o pai aqui é fogo, né, velhinho?" (risos) E assim eu tenho muitos episódios do Juscelino que me deixam até saudades.

**Você entrevistou grandes personalidades mundiais. Quais foram as entrevistas que mais lhe marcaram?**

Houve uma com o presidente Kennedy. Nós tivemos em Washington no mês de março de 1963. Eu fui com o João Goulart na comitiva dele. Quando chegamos em Washington, o Kennedy estava no aeroporto esperando o Jango. Coisa que os presidentes americanos não fazem mais hoje, ir ao aeroporto. Mas, nesse tempo, o Kennedy foi no aeroporto receber o João Goulart e o Adolpho Bloch era membro da delegação do Jango.

O general Walters estava na ponta da escada identificando cada um dos visitantes que chegavam para o presidente Kennedy. Quando o Adolpho desceu, ele apresentou o Adolpho para o presidente Kennedy: "Aqui, *Mr. Bloch from magazine*



*Manchete*". Eu notei que o Kennedy olhou bem para o Adolpho. Quatro dias depois, o Kennedy ofereceu uma recepção na Casa Branca em retribuição à recepção que o governo tinha feito com ele e com o João Goulart. Nós estávamos em volta dele [Kennedy] e quando eu disse que era um jornalista brasileiro ele disse: "Mas esse presidente tem um cunhado que é um perigo lá no Rio Grande do Sul". Era o Brizola, que tinha nacionalizado uma empresa americana em Porto Alegre. Quer dizer, o Kennedy gravou a coisa. Quando o Bloch foi se apresentando a ele, ele disse: "How are you, mr. Bloch?". Eu achei aquilo fantástico, como é que ele tinha, tanta gente tinha visto, tanta gente, tantas feições naqueles quatro dias e na hora que foi cumprimentar o Bloch se lembrou do nome e juntou o nome ao Adolpho? Aquilo é um sintoma de gênio, pessoa identificar outras. Nove meses depois, ele é assassinado em Dallas.

Outro presidente que me impressionou muito foi o Nixon. Eu estive na Casa Branca com ele e lá pras tantas ele disse: "Olhe, eu tenho muito respeito pelo Brasil, pela América do Sul porque para onde o Brasil for o resto da América do Sul terá de ir também". Foi uma declaração que deu o maior bode, porque os presidentes da Venezuela protestaram, o Rómulo Bittencourt protestou veementemente, porque achava que com aquilo o Nixon colocava o Brasil à frente da América do Sul.

Depois, eu tive uma entrevista coletiva com o presidente Charles de Gaulle, em Paris. O Silveira Sampaio, que era um grande nome da televisão brasileira naquele tempo, se levantou e fez uma pergunta que o de Gaulle não gostou e simplesmente não levou a sério e passou adiante. Isso foi uma coisa que me chamou atenção. Como é que um presidente se recusava a responder uma pergunta de um jornalista, de um jornalista brasileiro?

Em Saigon, eu estive com o presidente do Vietnã do Sul, na mais absurda das guerras que eu já vi até hoje. Eu vi poucas, mas as do Camboja e do Vietnã...

No Vietnã, nós estávamos hospedados no Hotel Le Presidente, que era a única hospedagem decente que havia em Saigon. Havia um vietnamita que todos os dias ia levar no Hotel as roupas lavadas dos oficiais, dos soldados americanos. Um belo dia, o comando das tropas sul vietnamitas nos convidou para uma manobra na frente de guerra, levando a mim, ao Gervásio Baptista e mais três jornalistas americanos. Fomos num helicóptero para assistir essa manobra e largamos o hotel naquele dia com a nossa bagagem. Deixamos o hotel um dia antes. No dia seguinte aquele mesmo vietnamita que entregava a roupa lavada dos oficiais americanos, tinha uma bomba que estourou e matou sete oficiais americanos. Quer dizer, nós fomos salvos por 24h, porque aquela bomba podia ter explodido no meio de nós também.

Houve muitos episódios curiosíssimos na minha vida de jornalista e eu tenho muita gratidão a isso, porque o jornalismo me deu acesso a reis, rainhas, príncipes, ditadores, governadores, senadores, deputados federais, presidentes da República, primeiros ministros, chefes de estado, de governo, homens poderosos que eu entrevistei ao longo desses 50 anos de trabalho jornalístico.

**No Vietnã, você entrevistou o Ho Chi Min?**

Eu estava com muita dificuldade de chegar ao Vietnã do Norte, porque, como havia aquela divisão entre os dois países, quem estava no Vietnã no Sul não podia ir ao Vietnã do Norte direto. Eu tive que ir a Tóquio. Saí de Saigon fui a Tóquio, tirei meu passaporte e tirei o visto para entrar no Vietnã do Norte. Estive com Ho Chi Min, aquele barbudinho, uma figura. Magrinho, ascético, liderou uma revolução importante que ainda hoje está lá.

**Você entrevistou também Perón e Evita...**

O Perón eu estive com ele na Casa Rosada, no segundo governo dele. No primeiro eu não era jornalista ainda. No segundo, ele estava liderando aquele Justicialismo, que foi a base do governo do João Goulart aqui.

O Perón não morria de amores pelo Brasil, pelo contrário. Ele achava que o Brasil queria sufocar a Argentina e esquecia de que para o Brasil era bom que o argentino fosse bem, pois na medida em que eles fossem bem lá, nós iríamos melhor aqui. A nós não interessava a derrocada da Argentina. Mas, ele tinha muita confiança no governo do João Goulart, achava que ele levar o Brasil *pari passu* a uma aliança invencível com a Argentina.

**Você faz parte de uma geração de jornalistas políticos, você, Villas-Bôas, Carlos Castello Branco, que é considerada uma das melhores gerações de jornalistas políticos. Por quê?**

Nós fomos testemunhas da época áurea da democracia brasileira, desde 1950 até 1960. Nesses dez anos, nós assistimos aqui no Palácio Tiradentes, debates inesquecíveis, aquelas tribunas repletas de populares e uns excitamentos, de uma inteligência oratória. Vieira de Mello, Carlos Lacerda, Prado Kelly, Mangabeira, Adauto Cardoso, Aliomar Baleeiro, todos eles que exercitavam o dom oratório. Hoje em dia o que é que se vê em matéria de oratória parlamentar? É triste. Naquele tempo, havia exemplos de políticos que me impressionaram profundamente.

Eu, de cima do Palácio Tiradentes, via o bonde da Tijuca, que dava a volta ali e voltava pela Rua Sete de Setembro no rumo da Tijuca. Várias vezes, eu vi

deputados saltarem do bonde defronte do Palácio Tiradentes e irem para a sessão da Câmara. Hoje em dia tem automóvel, motoristas, assessores, secretários...

O deputado Otávio Mangabeira morava no Hotel Glória, num quatinho, e só tinha um terno. Um belo dia, eu cheguei para fazer uma entrevista e ele estava de cueca dentro do apartamento, porque o terno tinha ido para a lavanderia e ainda não tinha voltado. Ele só tinha aquele. Era esse o estilo de políticos que eu conheci.

Eu tive chance de entrar na política do Rio de Janeiro. Carlos Lacerda queria demais que eu me candidatasse. Eu tinha esse programa na televisão e ele já tinha eleito o Amaral Neto, o Raul Bonini, o Mário Martins e queria que eu me candidatasse também. Eu nunca quis. Sabe por quê? Porque eu me lembrava do exemplo de pobreza que os deputados realmente decentes e dignos levavam. Eu não queria imitar um exemplo daquele e também porque eu achava que eles todos passariam e eu continuaria jornalista. Nunca quis ser político.

### **Qual a sua opinião sobre a cobertura política hoje?**

O jornalismo hoje se processa em níveis completamente diferentes daquele nível da nossa época. Hoje em dia, a dose técnica, o aparelhamento...

Eu lembro que quando eu ia nessas viagens no exterior, eu ficava trabalhando em função do avião da Varig. Porque eu podia ter a melhor fotografia naquele rolo de filme, mas se eu não pegasse o avião que saísse no domingo à noite de Londres e chegasse na segunda-feira de manhã aqui, com aquele rolo de filmes, não valia nada a minha matéria porque a *Manchete* fechava na segunda-feira. Não adiantava nada eu ter o maior furo, porque eu ia esperar 10 dias para sair na quarta-feira da semana seguinte. Não valeria mais nada. Hoje em dia, se bate uma fotografia lá no Iraque e na mesma hora ela está chegando nas redações. Então, está tudo tão diferente que não há nem dó de comparação.

### **Você permaneceu por 47 anos na *Manchete*. Como você avalia a evolução da revista? Ao longo desse tempo, quais foram as principais mudanças que a revista sofreu?**

A revista passou por várias reformas gráficas, porque na medida em que ela ia vendendo mais o Adolpho Bloch ia comprando máquinas mais poderosas, mais modernas. Ela passou por várias fases de modernização e, com isso, permitiu uma instantaneidade muito maior que antes. Nós podíamos produzir uma fotografia num dia, numa segunda-feira, e na quarta-feira ela já saía nas bancas.

Sempre sofremos muito com o problema da distribuição das revistas, porque enquanto *O Cruzeiro* tinha um serviço de distribuição perfeito, do Rio Grande do Sul

ao Amazonas, nós não tínhamos uma distribuição tão boa assim. Por mais que a gente tivesse um produto bom, nem sempre chegava a tempo aos olhos do leitor.

### **O que determinou o fim da revista?**

Como aconteceu com vários outros órgãos de divulgação, revistas, jornais, rádios, televisões etc., a *Manchete* também quis dar um passo mais longo que sua capacidade e passou a sofrer a competição das televisões. A televisão *Manchete*, apesar de ter tido muito êxito logo no começo, com grandes novelas e um jornalismo muito bom, foi perdendo sua capacidade de chegar no país todo ao mesmo tempo, enquanto as outras televisões, a *Globo*, sobretudo, tinha chances de chegar na mesma hora no Acre e no Rio Grande do Sul. Já a *TV Manchete* não tinha essa mesma competência. Tudo isso foi crescendo a tal ponto que a revista *Manchete* fechou e a televisão continuou. Logo em seguida, a televisão também teve que ser cedida a outras empresas e foi aí que aquele colosso que era a *Manchete* ruiu de uma hora para outra.

### **Isso tem a ver também com a morte do Bloch?**

Ele era o grande comandante. E nos fez muita falta. Não preparou descendentes, sucessores para tocarem aquilo. E onde é que está a história de que um sobrinho ou um filho ou um neto tem que ser tão competentes como o avô? Geralmente não é. E foi isso que levou a *Manchete* à falência.

### **Como você descreveria o Bloch?**

Ele era um homem imprevisível, pois, como todo eslavo, era de rompantes terríveis. Era capaz das maiores injustiças e, logo em seguida, capaz das maiores atitudes de nobreza e compaixão. A amizade dele ao Juscelino é um caso típico desses.

Eu tenho muita gratidão a ele, porque ele me ensinou várias lições de trabalho. Por exemplo, que dinheiro na vida não vale nada. Eles eram ricos na Rússia e perderam tudo na Revolução Comunista. Tinham uma gráfica na Rússia que no dia seguinte estava confiscada pelo regime comunista e, então, tiveram que vir para o Brasil. Aqui começaram tudo novamente, vendendo bloquinhos para jogo do bicho nas calçadas de Vila Isabel, e construíram esse império todo do nada. Ele tinha muita gratidão ao Brasil, que tinha dado essa chance a ele.

Formou uma equipe muito boa em torno dele e nos ensinou essas lições. A sabedoria do povo judeu, que riqueza e dinheiro não valem nada, o que vale é o trabalho, porque com o trabalho você pode sempre fazer novas riquezas, ao passo que com dinheiro em si não.

**O Brizola volta do exílio e precisa de um apoio dos canais de comunicação. Houve um encontro do Brizola com o Adolpho Bloch. Você pode descrever a relação disso na abertura que o Brizola teve na televisão *Manchete*?**

Eu não participei desse encontro. Não estava no Rio na ocasião, mas o que eu sei é que o Adolpho achou necessário dar um apoio ao Brizola, achou que o Brizola era, inclusive, uma liderança necessitada de apoio. Ele deu recomendações à televisão e à revista para tratar o Brizola com a maior simpatia possível. Eu não sei o que houve no encontro, realmente não participei, mas sei que ele teve essas conseqüências.

**De forma geral, como você avalia a participação da imprensa na redemocratização, na abertura política?**

Muito importante, porque a luta dela contra a censura dos governos militares conseguiu sensibilizar muito a opinião pública do Brasil. E eles seguramente já estavam muito desgastados... Ficaram mais tempo do que deviam no poder, porque, a rigor, segundo se informa, a idéia inicial era ficar só no governo Castello Branco. Depois do governo Castelo Branco, eles elegeriam um presidente civil, tanto que eles tinham vários nomes: o Bilac Pinto, o Carvalho Pinto, o Magalhães Pinto, eram os pintos da ocasião. Mas, sobreveio a ala dura, comandada pelo marechal Costa e Silva, que queria o poder para eles, não queria entregar para os civis. Se eles tivessem deixado o poder naquele tempo, talvez, tivesse se poupado tantas violências como foram o AI5 e as outras prisões e cassações.

**Quais foram os melhores jornalistas que você conheceu?**

Aqui no Brasil, o primeiro deles foi o Carlos Lacerda. Foi ruma coisa fora do comum, porque a facilidade com que ele escrevia bem, com que ele falava bem. Outro dia estava me chamando atenção: era um homem acostumado a destruir. Ele depôs dois presidentes da República, o Jânio Quadros e o Getúlio Vargas. Era um destruidor, mas foi um homem que depois se colocou na posição de governador da Guanabara, isto é quando ele passou pro outro lado da cerca, deixou de ser do contra e passou a ser a favor, ele fez uma grande administração do Rio de Janeiro. É o aterro do Flamengo, a Vila Kennedy, o Túnel do Pasmado, as escolas, enfim, ele deixou marcas da administração dele. De jornalista da oposição ele passou a ser um homem do governo e se realizou também nisso.

Um outro jornalista, por exemplo, perfeito foi o Rafael Correia de Oliveira, do *O Estado de S. Paulo*. Carlos Castello Branco era inexcelável, porque tinha uma memória maravilhosa. Um dia, o senador Luiz Viana Filho convidou a mim e o

Castello para almoçarmos com ele em Brasília. Ele falou durante 4 horas, eu e o Castelo escutamos. No dia seguinte, eu abro o Jornal do Brasil e está a entrevista do ministro todinha, literalmente reproduzida como se tivesse sido gravada. O Castelo tinha uma memória maravilhosa. No dia seguinte o Luiz Viana me telefonou e disse: "Murilo, eu tô acabando de ler a minha entrevista no Jornal do Brasil e eu não sei como é que é o Castello conseguiu reconstituir tudo. Será que ele não tinha um gravador escondido?". Eu não sei nem que sim, nem que não. Mas, esse era o Castello Branco.

**Nesses 50 anos de jornalismo, qual foi o fato mais relevante dentro da sua profissão de jornalista?**

A inauguração de Brasília. Porque eu que vi aquilo do nada, do zero.

Eu fui semana passada e fiquei impressionado com o movimento de automóveis e de tudo. Como é que pode o cara no fim do mundo? Aqui só tinha areia e capim.

**Você conviveu com o Chateaubriand?**

No momento em que ele comprou o *Jornal do Commercio*, que até hoje é Associado. Ele comprou do Santiago Dantas, inaugurou a sede na Rua Sacadura Cabral. Esse é maravilhoso, imprevisível o Chatô.

**Se você pudesse definir o jornalismo ou deixar uma mensagem sobre o que é ser jornalista o que diria?**

Ser jornalista é ser um agente de utilidade pública. É um homem que tem que se cumprimentar, porque ele tem um poder na mão muito grande. Poder de dar a informação, de dar a opinião. Eu tenho procurado sempre ser um jornalista correto, em retribuir ao jornalismo aquilo que ele me deu, que foi tudo. Eu não teria direito a tantas viagens, a tantos acessos, a tanta coisa boa na vida se eu quisesse ser um mau jornalista. Eu tenho que devolver à minha profissão em trabalho, em correção e em entusiasmo tudo quanto até hoje eu tenho recebido dela. É uma profissão fascinante e maravilhosa quando exercida com correção, dignidade e entusiasmo.

**Qual a sua opinião sobre um projeto como esse, que tenta resgatar a memória do jornalismo?**

Eu fico muito feliz de ver um grupo de jornalistas, do nosso sindicato, que está preocupado com esse problema da memória. Deixar gravado as entrevistas como essa que acabei de conceder, porque até então nada disso se fazia e houve grandes jornalistas como o Joel Silveira, como Carlos Castello Branco, como o Pompeu de Souza, como o Rafael Correia de Oliveira, como o Samuel Wainer que, coitados,

não deixaram nada disso gravados. Nós estamos tendo essa felicidade de deixar essas opiniões gravadas para sempre.